



PREVALÊNCIA DE USO DE ANTICONCEPCIONAL ORAL ENTRE AS MÃES PARTICIPANTES DA COORTE DE NASCIMENTO DE PELOTAS - 2015

INGRID MIRIAM OLIVEIRA¹; GBENANKPON MATHIAS HOUVESSOU²;
ANDRÉA HOMSI DÂMASO³; MARYSABEL PINTO TELIS SILVEIRA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – oliveiramingrid@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gbemathg@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - andreadamaso.epi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marysabelfarmacologia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O planejamento familiar é essencial quando falamos em direito à saúde, pois além de permitir a escolha individual sobre a concepção, também afeta à saúde pública. (AHMED et al., 2012) Em 2012 AHMED et al., analisaram os bancos de dados do Grupo Interinstitucional de Estimativa de Mortalidade Materna (MMEIG), do Uso Global de Contraceptivos em 2010 e do Prospectivo de População Mundial das Nações Unidas e estimaram que o uso de métodos contraceptivos diminuiu as mortes maternas em 44%, devido ao aumento do espaçamento entre partos e à diminuição de gestações indesejadas que gerariam abortos e diversas complicações. (AHMED et al., 2012) Para a criação de políticas públicas e o desenvolvimento de planejamento familiar efetivo, é essencial obter informações sobre o uso dos métodos contraceptivos, especialmente porque estes tem se tornado cada vez mais populares, pois, observa-se que, globalmente, há um crescente aumento do uso de métodos contraceptivos, de 54,8% em 1990 para 63,3% em 2010. (ALKEMA et al., 2009)

A anticoncepção é o uso de técnicas e métodos com o objetivo de impedir que o intercurso sexual resulte em uma gestação não planejada. Os métodos anticoncepcionais podem ser divididos em dois grupos: os métodos reversíveis e os irreversíveis. Existem diversos métodos reversíveis, entre eles, a abstinência sexual, os dispositivos intrauterinos, os métodos de barreira, os hormonais e os anticonceptivos de emergência. Já os métodos irreversíveis são compreendidos por procedimentos cirúrgicos: a laqueadura, que representa a esterilização feminina e a vasectomia como esterilização masculina. (POLI et al., 2009)

O método contraceptivo mais utilizado no mundo é o anticoncepcional hormonal oral combinado (AOC) tendo seu uso anual estimado em 100 milhões de mulheres (FINOTTI, 2015), no Brasil esse número corresponde a aproximadamente 33,8% das mulheres em idade fértil. (CORREA, 2012) Sendo assim, torna-se de extrema importância conhecer as características das usuárias dos contraceptivos orais.

O objetivo deste estudo é descrever a frequência de uso de anticoncepcionais hormonais orais nas mães participantes da Coorte de Nascimento de Pelotas de 2015.

2. METODOLOGIA

Estudo transversal realizado com dados do acompanhamento dos 24 meses da Coorte de 2015, com o objetivo de conhecer as características das mães usuárias de métodos contraceptivos. As entrevistas foram realizadas por entrevistadoras previamente treinadas. A maioria dos dados foi coletada com computadores e tablets, e os dados gerados pelos questionários foram armazenados eletronicamente no sistema REDCap (Research Electronic Data Capture). Poucos questionários foram realizados em papel, os quais foram posteriormente digitados no REDCap pela própria entrevistadora.



Foram consideradas elegíveis as mães de crianças que nasceram em hospitais da cidade de Pelotas de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2015, que moravam na zona urbana do município e que foram incluídas no estudo de Coorte de Nascimentos de 2015. A seguinte pergunta foi considerada para o uso de métodos contraceptivos: O que a Sra. está fazendo para não engravidar? (pílula, coito interrompido, preservativo masculino, preservativo feminino, injeção mensal, injeção a cada 3 meses, implantes, pílula do dia seguinte, DIU, laqueadura/ligadura, tabelinha, ele fez vasectomia, algum outro método) Foram consideradas usuárias de contraceptivos orais as mães que relataram ter usado pílula e pílula do dia seguinte para não engravidar. As variáveis independentes consideradas foram idade da mãe (<20, 20-34, ≥35 anos), renda familiar em quintis (quintil 1 mais pobres/quintil 5 mais ricos), escolaridade da mãe (0-4,5-8,9-11, ≥12 anos), fumo da mãe depois que a criança completou 12 meses (Não/Sim), chefe da família (Outros/Mãe da criança/Pai da criança), ter marido ou companheiro (Não/Sim), mãe com idade superior ou igual a 35 anos (Não/Sim) e que relatou ter fumado depois que a criança completou 12 meses (Não/Sim), auto percepção de saúde (Ruim/Regular, Boa, Muito boa, Excelente).

Foi realizada análise descritiva do desfecho e das variáveis independentes para caracterização da amostra, cálculo da prevalência com seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) e teste Qui-quadrado para heterogeneidade.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da UFPel. Todas as participantes que aceitaram participar, assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurado confidencialidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No acompanhamento dos 24 meses, 3599 mães responderam à pergunta referente ao que estavam fazendo para não engravidar. Destas, 87,9% (IC95%:86,8 – 89,0) relataram utilizar algum tipo de método contraceptivo. Em 1996, na cidade de Pelotas, essa porcentagem era de 64,6% (COSTA et al., 2002), apresentando crescimento positivo do uso global de métodos contraceptivos, o que pode ser explicado pelos programas do Ministério da Saúde de incentivo ao planejamento familiar (PNAISM, 2004)

A prevalência de uso de anticoncepcionais orais (ACO) foi 50,3% (IC95%: 48,6 – 51,9), sendo superior à encontrada em estudo de 2015 na cidade de São Leopoldo (RS) de 31,8% (IC95% 28,4–35,3) (GONÇALVES et al., 2019), porém assim como nesse estudo, o ACO foi o método mais utilizado entre as entrevistadas. Esse resultado pode ser explicado por ser um método antigo, sua introdução no mercado foi em 1960, percorrendo assim mais de uma geração de mulheres, além da fácil posologia (apenas uma tomada diária) e de distribuição gratuita pelo Ministério da Saúde. (FARIAS et al., 2016)

Percebe-se que quanto maior a escolaridade maior a prevalência de utilização deste método ($p<0,001$), aquelas que estudaram até 4 anos apresentaram prevalência de uso de 34,5%, já entre as mulheres que estudaram mais de 12 anos a prevalência foi de 55,7%, o que difere do estudo PNAUM, onde não foram encontradas diferenças significativas entre as prevalências nas diferentes categorias de escolaridade. (MENGUE et al., 2016)

Quanto à renda, as mulheres no quintil 4 apresentaram a maior prevalência de uso, com 56,3%, já a menor prevalência encontrada (37,9%) foi entre as mulheres no quintil 1 (as mais pobres), resultado que vai ao encontro do estudo realizado em São Leopoldo em 2015, que encontrou prevalência de 49,4% de uso



de ACO entre as mulheres de classes mais ricas (A e B) versus 26,5% de uso entre aquelas de classes mais pobres (D e E). (GONÇALVES et al., 2019)

Encontrou-se diferença significativa na prevalência de uso do ACO entre as mulheres fumantes e não fumantes, sendo que a prevalência entre as fumantes foi de 38,3% enquanto entre as não fumantes foi 53,3%. Este resultado pode ser associado ao fato do uso de ACO por fumantes ser considerado Categoria 3 nos critérios de elegibilidade de métodos anticoncepcionais definidos pela Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) ou seja, o uso do método não é recomendado, a menos que outros métodos mais apropriados não estejam disponíveis ou não sejam aceitáveis. (FINOTTI, 2015).

Entre as mulheres usuárias de contraceptivos orais, 2,5% eram fumantes e com idade superior ou igual a 35 anos, o que mostra diminuição em relação aos 10,6% encontrados em 1996. Mesmo diante de importante queda, tal resultado apresenta-se como preocupante, especialmente naquelas que fumam mais de 15 cigarros/dia, pois este perfil de usuária é considerado Categoria 4 pela FEBRASGO, ou seja, tem seu uso contraindicado devido ao alto risco tromboembólico. (FINOTTI, 2015) Portanto, a criação de políticas para o uso racional de anticoncepcionais se mostra fundamental como forma de proteção das usuárias e redução dos eventos tromboembólicos evitáveis.

Tabela 1. Prevalência de uso de anticoncepcional oral em mães participantes da Coorte de Nascimento de Pelotas de 2015- Acompanhamento dos 24 meses

Variáveis	N(%)	Prevalência de uso de ACO	IC95%
Idade da mãe			
<20 anos	496(13,8)	42,2	37,9 – 46,6
20-34 anos	2559(71,1)	52,6	50,7 – 54,6
≥35 anos	544(15,1)	46,3	42,2 – 50,5
Renda familiar			
Quintil 1 (mais pobres)	729(20,5)	37,9	34,4 – 41,4
Quintil 2	746(20,9)	52,3	48,7 – 55,9
Quintil 3	680(19,1)	50,6	46,8 – 54,3
Quintil 4	709(19,9)	56,3	52,6 – 59,9
Quintil 5 (mais ricos)	699(19,6)	54,9	51,2 – 58,5
Escolaridade			
0-4 anos	304(8,5)	34,5	29,4 – 40,1
5-8 anos	921(25,6)	43,9	40,7 – 47,1
9-11 anos	1268(35,2)	53,9	51,1 – 56,6
≥12 anos	1106(30,7)	55,7	52,7 – 58,6
Ter marido ou companheiro			
Não	564(15,7)	38,7	34,8 – 42,8
Sim	3035(84,3)	52,4	50,6 – 54,2
Chefe da família			
Outros	392(10,9)	40,4	35,6 – 45,4
Mãe da criança	1169(32,5)	48,7	45,8 – 51,5
Pai da criança	2032(56,6)	53,1	50,9 – 55,3
Mãe fumante			
Não	2874(79,9)	53,3	51,4 – 55,1
Sim	72520,1)	38,3	34,9 – 41,9
Mãe fumante e com idade ≥35			
Não	3490(97,0)	50,5	48,9 – 52,2
Sim	109(3,0)	41,3	32,3 – 50,9
Auto percepção de saúde			
Ruim/Regular	603(18,7)	43,1	39,2 – 47,1
Boa	1347(41,8)	51,0	48,3 – 53,7
Muito boa	701(21,8)	57,1	53,4 – 60,7
Excelente	571(17,7)	54,2	50,1 – 58,3



4. CONCLUSÕES

Os anticoncepcionais orais continuam sendo o método contraceptivo mais utilizado entre as mulheres, havendo grande desproporcionalidade de sua utilização em relação aos outros métodos anticonceptivos, além disso, apesar de terem sua distribuição gratuita, ainda são muito menos utilizados entre as mulheres de menor renda e escolaridade, demonstrando falha na sua distribuição e a necessidade de investimento em políticas de acesso.

Os ACO, infelizmente, ainda são consumidos entre as categorias de mulheres que possuem importantes contraindicações, apresentando graves riscos à saúde associados ao seu uso, sugerindo que há necessidade de reforço nos programas e políticas de saúde da mulher, para que este seja utilizado de forma segura e racional, apenas por mulheres com indicação para seu uso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- AHMED, S.; LI, Q.; LIU, L.; TSUI, A. O. Maternal deaths averted by contraceptive use: an analysis of 172 countries. **Lancet**, v.380, n.9837, p.111-125, 2012
- 2- ALKEMA, L.; KANTOROVA, V.; MENOZZI, C.; BIDDLECOM, A. National, regional, and global rates and trends in contraceptive prevalence and unmet need for family planning between 1990 and 2015: a systematic and comprehensive analysis. **Lancet**, v.381, n.9878, p.1642-52, 2013
- 3 – POLI, M. E. H.; MELLO, C. R.; MACHADO, R. B.; NETO, J. S. P.; SPINOLA, P. G.; TOMAS, G. et al. Manual de anticoncepção da FEBRASGO. **FEMINA**, Vol 37, nº 9, p 459-492, 2009.
- 4- FINOTTI, M. **Manual de anticoncepção**, São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015.
- 5- CORREA, D. A. S. **Uso de contraceptivos orais entre mulheres de 18 a 49 anos: inquérito populacional telefônico**, 2012. Dissertação (Mestrado em Saúde e Enfermagem) Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais
- 6 – DIAS-DA-COSTA, J. S.; GIGANTE, D. P.; MENEZES, A. M. B.; OLINTO, M. T. A.; MACEDO, S.; BRITTO, M. A. P. et al. Uso de métodos anticoncepcionais e adequação de contraceptivos hormonais orais na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: 1992 e 1999. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n.1, p. 93-99, fev. 2002
- 7 - Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: **Ministério da Saúde**, 2004.
- 8 – GONÇALVES, T. R.; LEITE, H. M.; BAIRROS, F. S.; OLINTO, M. T. A.; BARCELLOS, N. T.; COSTA, J. S. D. Social inequalities in the use of contraceptives in adult women from Southern Brazil. Ver. **Saúde Pública**, São Paulo, v.53, n.28, 2019.
- 9 - FARIA M. R.; LEITE, S. N.; TAVARES, N. U. L.; OLIVEIRA, M. A.; ARRAIS, P. S. D.; BERTOLDI, A. D. et al. Utilização e acesso a contraceptivos orais e injetáveis no Brasil. **Rev Saúde Pública** 50(supl 2):14s, 2016;
- 10 – MENGUE, S. S.; BERTOLDI, A. D.; BOING, A. C.; TAVARES, N. U. L.; DAL PIZZOL T. S.; OLIVEIRA, M. A. et al. Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM): métodos do inquérito domiciliar. **Rev Saúde Publica**. 50(supl 2):4s, 2016.
- 11 - POMP, E. R.; ROSENDAAL, F. R.; DOGGEN, C. J. M. Smoking increases the risk of venous thrombosis and acts synergistically with oral contraceptive use **Am J Hematol**, v.83, p. 97-102, 2008